

A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

THE INFLUENCE OF STORYTELLING IN CHILDHOOD EDUCATION FOR THE DEVELOPMENT OF ORALITY

Micaelly Fonseca de Queiroz¹
Evanilson Gurgel de Carvalho Filho²

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada através de um levantamento e revisão bibliográfica cuja temática centralizou a influência da contação de histórias para o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil. A presente pesquisa buscou relacionar a prática de contar histórias como um recurso pedagógico, visando sua eficácia no intuito de estimular o desenvolvimento da linguagem oral nas crianças na Educação Infantil. Utilizaram-se bases de dados nacionais que continham artigos e trabalhos apresentados nos GT 07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos) e 10 (Alfabetização, Leitura e Escrita) das reuniões nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Foram mapeados 12 trabalhos apresentados na ANPED entre os anos 2000 a 2021, analisados em ordem temática e cronológica. Tais trabalhos possuíam relação com temática da presente pesquisa e são sustentados por um referencial teórico amparado por autores da área da Educação. A análise do mapeamento evidenciou que mesmo ao longo dos anos, pouco tem se achado sobre a temática de contação de histórias. Concluímos que mesmo o tema sendo um assunto importante em ambos os GT investigados, frente aos poucos trabalhos encontrados, a oralidade e a contação de histórias ainda se mostram essenciais para práticas docentes, visando o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Oralidade; Contação de Histórias; Educação Infantil; Levantamento bibliográfico.

ABSTRACT

This research was carried out through a survey and bibliographical review whose theme centered on the influence of storytelling on the development of orality in Early Childhood Education. This research sought to relate the practice of storytelling as a pedagogical resource, aiming for its effectiveness in stimulating the development of oral language in children in Early Childhood Education. National databases were used that contained articles and works presented in GT 07 (Education of children from 0 to 6 years old) and 10 (Literacy, Reading and Writing) of the national meetings of the National Association of Postgraduate Studies and Research in Education (ANPED). 12 works presented at ANPED between the years 2000 and 2021 were mapped, analyzed in thematic and chronological order. Such works were related to the theme of this research and are supported by a theoretical framework supported by authors in the field

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos), micaelly.queiroz@alunos.ufersa.edu.br

²Professor Orientador, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos), evanilson.gurgel@ufersa.edu.br

of Education. The mapping analysis showed that even over the years, little has been found on the topic of storytelling. We concluded that even though the theme is an important subject in both GTs investigated, given the few works found, orality and storytelling still prove to be essential for teaching practices, aiming at the development of children in Early Childhood Education and in the initial years of Education. Fundamental.

Keywords: Orality; Storytelling; Child education; Bibliographic survey.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa que foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica, a partir de um mapeamento de trabalhos apresentados nas reuniões nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no período das edições 23^a a 39^a (compreendendo, portanto, os anos de 2000 a 2021), sendo analisados dois Grupos de Trabalho: o GT 07 (Educação Infantil de 0 a 6 anos) e o GT 10 (Alfabetização, Leitura e Escrita), onde propomos uma reflexão acerca do desenvolvimento da linguagem oral na Educação Infantil como um importante instrumento no processo de comunicação das crianças.

Ao analisar as publicações das reuniões da ANPED, percebemos que foram publicados poucos trabalhos relacionados à temática dessa pesquisa, mesmo considerando a importância da temática para o ensino, só foi encontrado um quantitativo de 12 trabalhos que abordam a contação de histórias, sendo 04 (quatro) voltados para a educação infantil e 08 (oito) voltados para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Por isso, essa pesquisa buscou relacionar a prática de contar histórias como um recurso pedagógico, visando sua eficácia no intuito de estimular o desenvolvimento da linguagem oral nas crianças na Educação Infantil.

Como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB-9394), a finalidade da Educação Infantil é promover o desenvolvimento integral da criança abrangendo aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Dessa forma, uma ferramenta que permite a promoção da oralidade são as atividades lúdicas.

A pergunta de pesquisa que sustentou esse trabalho foi: **o que se tem produzido em trabalhos científicos sobre a oralidade e a prática de contar histórias na Educação Infantil?** Desse modo, o objetivo principal da pesquisa foi o de **evidenciar um panorama de trabalhos relacionados com a contação de histórias e a oralidade na Educação Infantil.**

Nesse sentido, trazemos à tona trabalhos que versam sobre a diversidade de abordagens acerca da oralidade na Educação Infantil e buscamos compreender como tem ocorrido o processo de desenvolvimento da linguagem oral das crianças. Além disso, é importante destacar que a oralidade é fundamental não apenas no âmbito acadêmico, mas também para a vida social e profissional futura das crianças.

Através da comunicação verbal, elas são capazes de se relacionar melhor com os outros, expressar suas ideias e opiniões de forma clara e objetiva, além de desenvolver argumentações consistentes e persuasivas. Dessa forma, estaremos contribuindo para a formação de cidadãos capazes de interagir de forma positiva com o mundo à sua volta.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Compreendendo a etapa da Educação Infantil como um lugar onde as crianças se apropriam da oralidade, e antes de se fazer uma discussão a respeito do trabalho da oralidade com crianças, é necessário, primeiramente, compreender o conceito de Educação Infantil. Segundo o documento intitulado *Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte: educação infantil*, a Educação Infantil é reconhecida como a “primeira etapa da educação básica”, sendo, portanto, “direito da criança e de sua família e dever do Estado”, tendo sua “história recente permeada por avanços e recuos” (RIO GRANDE DO NORTE, 2018, p. 14), e é nessa etapa que as crianças terão suas primeiras experiências em conjunto com outras crianças, desenvolvendo habilidades e competências de aprendizado.

Partindo para o estudo da linguagem, Lopes e Vieira (2012), a compreendem como “interação”, “ação entre indivíduos, atividade social, histórica” e “como um dos elementos constitutivos do processo de humanização” (Lopes; Vieira, 2012, n.p.). Logo, considera-se que é por meio da linguagem que as crianças iniciam o processo de interação social, seja pela linguagem oral, por signos ou escrita.

A respeito da linguagem oral, Chaer e Guimarães (2012) compreendem como

um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências, ingressamos no mundo. Assim, ela amplia nossas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais (Chaer; Guimarães, 2012, p. 72).

Entramos em contato com a oralidade ainda no início da vida a partir das vivências no âmbito familiar. Visto que esse contato com a oralidade irá se expandir ao longo das vivências, no ambiente escolar, consideramos as atividades lúdicas como ferramentas importantes para o

desenvolvimento integral da criança, inclusive da sua linguagem oral, considera-se o trabalho da oralidade como um fator contribuinte no seu processo de formação.

Nesse sentido, Matos (2013) explica que a ludicidade é uma ferramenta muito importante para a formação das crianças, pois é através dela que a criança desenvolve seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo.

De acordo com Silva e Valiengo (2010, p. 22), “todas as aprendizagens e realizações de atividades são permeadas pela comunicação oral.” Logo, é por meio da oralidade que adquirimos e trocamos experiências sociais.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):

[...] a aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p. 120)

É necessário que o trabalho da oralidade na etapa da Educação Infantil seja tratado como algo primordial no processo de desenvolvimento do aprendizado da criança, uma vez que é na interação que ocorre a troca de experiências, tornando esse processo mais significativo.

Segundo Horn (2004, p. 28), “é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções”. É importante que o professor saiba planejar os espaços e traga para sala de aula um bom repertório de brincadeiras, para que haja a interação entre os alunos e, com isso, o seu desenvolvimento.

Para Augusto (2011):

Possuir um bom repertório de brincadeiras tem para a criança o peso de uma importante bagagem que ela carregará ao longo de toda a passagem pela educação infantil, de onde poderá sempre sacar a garantia de bons momentos para compartilhar. Por esses motivos, o trabalho com o repertório de brincadeiras e textos orais pode ser um ótimo começo para as crianças que ingressam na creche ou na escola (Augusto, 2011, p. 56)

Para trabalhar a oralidade com crianças, o professor, no seu papel como mediador, deve pensar numa maneira de interligar a prática com a brincadeira, inserindo nas crianças um aprendizado mais leve, sem tirar delas a alegria do brincar, tornando aquele momento único. Chaer e Guimarães (2012, p. 72) afirmam: “É preciso, portanto, ensinar à criança a utilizar

adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente.”

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinarem-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas (BRASIL, 1997, p. 49).

É muito importante que durante a prática das atividades de oralidade, as narrativas das crianças sejam consideradas, pois é a partir dessas narrativas que as crianças irão construir sua identidade, cabendo ao professor orientá-los com base nas suas necessidades e individualidades, sem que haja uma limitação do diálogo, pois, para Silva e Valiengo (2010), a "limitação do diálogo, as respostas vazias e sem conteúdo, permitem à criança construir um vocabulário pobre” (Silva; Valiengo, 2010, p. 23).

Segundo Goés (2000),

ao experimentar ser o eu e ser o outro, a criança reproduz modelos sociais e rituais de vários espaços da cultura, experiências que propiciam a ela singularizar-se e construir seu eu. Trata-se de um eu com múltiplas faces, impregnado que está da dinamicidade vinculada aos vários personagens e seus papéis (Goés, 2000, p. 123).

Essa fala propõe uma reflexão acerca de como as atividades de oralidade desenvolvidas nas rodas de diálogo em turmas de Educação Infantil são fundamentais para a construção cultural e social da criança a partir da troca de experiências.

Uma das ferramentas mais utilizadas no trabalho da oralidade com crianças se refere a contação de histórias. Segundo Cardoso (2003),

a contação de histórias na educação infantil desperta a curiosidade, estimula a imaginação, desenvolve a autonomia e o pensamento, proporciona vivenciar diversas emoções como medo e angústias, ajudando a criança a resolver seus conflitos emocionais próprios, aliviando sobrecargas emocionais (Cardoso, 2003, p. 2)

A contação de história, além da interação em rodinhas por meio das narrativas, também pode ser feita também por meio da leitura literária. Sendo considerada como “um instrumento muito importante no estímulo à leitura, ao desenvolvimento da linguagem, é um passaporte para a escrita, desperta o senso crítico e principalmente faz a criança sonhar” (Cardoso, 2003, p. 3).

De acordo com Souza e Bernardino (2011), a contação de história, além de ser um “valioso auxiliar na prática pedagógica”, as narrativas estimulam nas crianças

a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade (Souza; Bernardino, 2011, p. 236).

Esses estímulos contribuem para a formação do pensamento da criança enquanto sujeito crítico e social, visto que essas práticas desenvolvem práticas de interação com seus pares.

Pensando na importância da inserção do resgate da literatura nas interações em sala com as crianças, a contação de história também pode ser feita por meio de releituras de contos de fadas, por exemplo. A respeito das releituras, Abramovich (1997) reflete que

uma nova releitura trará agradáveis reinterpretações, porque você não é a mesma pessoa, tem outra história, vivenciou outras experiências. Vai, portanto, atribuir novos significados ao texto e reunir elementos não percebidos antes, ou diferentemente pensados, e construir significações diversificadas e mais extensas, transformadas pelas conotações (Abramovich, 1997, p. 21).

Durante esse processo, torna-se importante estimular a imaginação da criança para que ela possa construir e compreender os sentidos da história, pois de acordo com Bettelheim (2009), “a história só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos. Essa descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma” (Bettelheim, 2009, p. 8).

Com o objetivo de contribuir para o processo de reflexão sobre a importância de se trabalhar a contação de história e oralidade das crianças nesta pesquisa, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico. Segundo Medeiros (2000),

a pesquisa bibliográfica compreende: escolha do assunto, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação, redação.

(...)

Exige, portanto, que seja escolhido assunto condizente com a capacidade do pesquisador, de acordo com suas inclinações e gosto pessoais (Medeiros, 2000, p. 40-42).

Portanto, esta pesquisa se concentrou em discutir a importância da contação de história para o desenvolvimento da oralidade na infância e suas principais estratégias para promover essa habilidade. Logo, realizamos um levantamento bibliográfico nas reuniões nacionais da

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), que se constitui por ser uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área.

Na ANPED conta-se com o total de 23 Grupos de Trabalho (GT). Entretanto, o mapeamento foi centralizado em dois GTs cujas temáticas estão de acordo com o foco da presente pesquisa: o GT 7 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e o GT 10 (Alfabetização, Leitura e Escrita). Dessa forma, pesquisamos a partir de algumas palavras-chaves (oralidade; contação de histórias). Após a seleção, foi mapeado um total de 12 trabalhos que possuíam ligação com a temática aqui desenvolvida, focalizando nas etapas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Posteriormente, foi desenvolvida uma análise dos textos por temas. Abaixo, temos o quadro correspondente ao mapeamento realizado:

Quadro 01 - LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DOS GTS DA ANPED (2003-2017)

GT 07 - EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS		
ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTOR/A/AS/ES	TÍTULO
2003	Gilka Girardello	VOZ, PRESENÇA E IMAGINAÇÃO: A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS E AS CRIANÇAS PEQUENAS
2008	Ângela Coelho de Brito	AS RODINHAS NA CRECHE: UMA PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO DO MOVIMENTO DISCURSIVO DAS CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS
2013	M. Nazareth de Souza Salutto de Mattos	LEITURA LITERÁRIA NA CRECHE: O LIVRO ENTRE OLHAR, CORPO E VOZ
2017	Vanessa Ferraz Almeida Neves; Patrícia Corsino	PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PERÍODO DE 1973 A 2013: ALGUMAS REFLEXÕES
GT 10 - ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA		
ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTOR/A/AS/ES	TÍTULO
2005	Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo	ORALIDADE E LETRAMENTO NA CONSTITUIÇÃO DAS INTERAÇÕES EM RODINHA: ANÁLISE DE DUAS EXPERIÊNCIAS NO PRIMEIRO CICLO
2006	Mônica Pinheiro Fernandes	A INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA NO PROCESSO DE ESCRITA DAS

		PROFESSORAS ALFABETIZADORAS
2007	Tânia Guedes Magalhães	CONCEPÇÕES DE ORALIDADE: A TEORIA NOS PCN E PNLD E A PRÁTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS
2007	Luciana Domingos de Oliveira	LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DE LEITORES DE TEXTOS E DA VIDA
2009	Débora Amorim Gomes da Costa Maciel; Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo Barbosa	GÊNEROS TEXTUAIS, ORALIDADE E O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O QUE ESPERAR DESSA RELAÇÃO?*
2009	Dania Monteiro Vieira Costa	O TRABALHO COM A LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL
2012	Debora Amorim Gomes da Costa Maciel; Maria Lucia Ferreira de Figueiredo Barbosa	“AH, EU ACHO A ORALIDADE MUITO IMPORTANTÍSSIMA, MEU DEUS!” A PROPÓSITO DA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DA ORALIDADE
2012	Telma Ferraz Leal; Ana Carolina Perrusi Alves Brandão; Juliana de Melo Lima	O ORAL COMO OBJETO DE ENSINO NA ESCOLA: O QUE SUGEREM OS LIVROS DIDÁTICOS?

Fonte: elaboração própria

3 DESENVOLVIMENTO

A partir da leitura dos textos mapeados, observamos que alguns trabalhos abordam a mesma temática, e assim, optamos por trazer a análise a partir das discussões das temáticas que se aproximavam em cada texto.

Para dar início as análises, trazemos os textos que abordam a temática das rodinhas em sala de aula, iniciando pelo texto de Macedo (2005), onde a autora traz a discussão do trabalho da oralidade em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental como ferramenta no processo de alfabetização e letramento, abordando sobre pesquisas realizadas em sala de aula, tendo como uma das principais ferramentas a conversa em rodinha.

Para a autora (p. 2), “as rodinhas funcionam como um espaço em que os participantes trocam experiências, podendo escolher tópicos e temas a serem relatados, sendo esse o espaço em que as experiências dos alunos fora da escola ganham relevância”. A roda de conversa é uma ferramenta que promove a socialização entre as crianças por meio da troca de experiências,

sendo permitido às crianças trazerem para a sala de aula experiências do seu cotidiano, dando voz a sua narrativa.

Em sua pesquisa, a autora notou que nas salas acompanhadas as atividades de rodinha se diferem, pois em uma delas a prática era realizada de forma esporádica, enquanto na outra, a prática se realizava com mais frequência, trazendo para nós uma reflexão acerca de como o planejamento e execução dessa atividade devem ser pensados e organizados pelo professor diante das contribuições para a aprendizagem dos alunos.

No texto de Brito (2008) aborda-se o trabalho da oralidade nas rodinhas nas turmas de creche. Para a autora, o trabalho com as rodinhas de conversa na creche contribui para a atribuição da linguagem pelas crianças e na troca de experiências por meio dos relatos cotidianos, considerando que “é na vida cotidiana que a criança se apropria das palavras do outro; daqueles que a cercam, fazendo das palavras dos outros as suas palavras, tornando as palavras alheias, palavras próprias, apropriando-se assim dos signos e valores da sua cultura” (Brito, 2008, p. 3).

A prática das rodinhas de conversas contribui, além da aquisição da linguagem e da interação, auxilia na aquisição da autonomia das crianças, dando a elas voz, fazendo com que possam trazer para os colegas e professor/a as suas vivências fora da escola, sentindo-se ouvidas, aproximando-se da ideia presente no texto de Macedo (2005), sendo essa prática considerada “espaço que os alunos relatam seus conhecimentos prévios acerca dos temas que estão sendo estudados” (Macedo, 2005, p. 12).

Seguindo com a análise, abordaremos desta vez do trabalho da oralidade por meio do uso das narrativas em sala de aula. Girardello (2003) aborda sobre a oralidade por meio do trabalho da narrativa com crianças pequenas, sendo a narrativa considerada pela autora como uma ferramenta que se encontra presente na vida da criança desde os seus primeiros dias de vidas “através do padrão musical regular dos acalantos, que, como as histórias, se abrem e fecham nitidamente, contendo em si um mundo particular” (Girardello, 2003, p. 1). Isso nos mostra o quanto se torna importante as ações e os incentivos voltados para o trabalho da oralidade dentro do contexto familiar, haja vista que a partir desse contato inicial com a oralidade, a criança irá para a sala de aula com uma bagagem individual e rica para a sua inserção no contexto escolar.

Partindo para o trabalho da narrativa nas interações em sala de aula, a autora considera a contação de história uma ferramenta presente no cotidiano de salas de aula da Educação Infantil, e que por meio dela trabalha-se "o incentivo à imaginação e à leitura, a ampliação do repertório cultural das crianças e a criação de referenciais importantes" (Girardello, 2003, p. 1), contribuindo assim para o desenvolvimento da oralidade.

Ainda a partir dos contributos de Girardello (2003), a autora considera que as atividades de contação de histórias, além de promoverem a interação em sala de aula, propiciam às crianças pequenas o trabalho da imaginação e contribuem para a aquisição autonomia pelas crianças.

Reflete-se que

para a criança que ainda não lê, também é enriquecedora a experiência de localizar a autoridade da narrativa naquele outro significativo para ela – a professora, os colegas – e sentir-se exercitando a própria autoridade de detentor de uma história para contar; ou seja, exercitando sua autoria. (...) a troca narrativa com crianças pequenas tem muitas outras dimensões, além do estímulo à leitura, e provavelmente todas elas – ao enriquecerem a linguagem e a imaginação - acabam também favorecendo o amor aos livros (Girardello, 2003, p. 5-6).

Tendo em vista a importância da narrativa para o desenvolvimento das crianças pequenas, tanto no contexto familiar quanto nas atividades em sala de aula, torna-se importante o incentivo pelos pais ou responsáveis em casa e que as atividades promovidas em sala de aula pelo professor sejam planejadas de acordo com as especificidades e necessidades de cada criança, tornando o aprendizado algo mútuo.

No texto de Costa (2009), discute-se sobre o trabalho da oralidade na Educação Infantil por meio do resultado de uma pesquisa realizada com crianças de turmas diferentes. Como já foi dito anteriormente, trabalhar a oralidade por meio das rodas de diálogo, oportuniza à criança a capacidade de voz, por meio de seus relatos e de sua compreensão sobre o assunto abordado.

No entanto, uma das dificuldades encontradas pela autora durante sua observação foi a desconsideração da fala das crianças pela professora, reduzindo “as possibilidades de constituição de sentidos e de interação com o outro por meio do texto oral” (Costa, 2009, p. 18). De acordo com a autora, essa desconsideração pode estar ligada com o processo formativo do professor.

Cabe observar a respeito do preparo que foi dado ao professor antes de sua atuação, não competindo apenas à sua prática, haja vista que na maioria dos casos, a prática é reflexo da teoria adquirida na formação.

Maciel e Barbosa (2012) trazem em seu texto a escuta aos professores a respeito da sua percepção de se trabalhar a oralidade em sala de aula. Para as autoras, as professoras entrevistadas “compreendem a oralidade como sendo um dos objetivos do ensino da língua portuguesa” (Maciel; Barbosa, 2012, p. 11). Essa compreensão é dada devido a relação que é feita entre leitura e escrita no processo didático, podendo ser resultado de lacunas deixadas durante o processo de formação.

Ouvir o professor a respeito de sua compreensão do trabalho com a oralidade contribui para o entendimento da sua visão sobre a temática e contribui também para compreendermos sobre como o processo de formação influencia em suas práticas.

Oliveira (2007) aborda a oralidade dentro da leitura literária na Educação Infantil como uma ferramenta de contribuição na formação da criança, favorecendo a elas o incentivo à imaginação e ao diálogo com os colegas. Tendo em vista que na Educação Infantil a alfabetização não é obrigatória, a autora destaca a importância da leitura literária nesta etapa.

Mesmo quando as crianças ainda não sabem ler, as histórias lhes são contadas oralmente, o que permite que elas se aproximem desse universo. Acreditamos que a literatura infantil, como manifestação artístico-cultural, também é imprescindível para a formação da criança, pois estimula o desenvolvimento de diálogos com os personagens e as situações da história, o que também causa impactos sobre seus modos de compreensão do mundo (Oliveira, 2007, p. 4).

A prática da leitura literária em sala de aula estimula a imaginação e interação por meio do diálogo que é gerado entre as crianças a partir da troca de experiências adquiridas previamente, oportuniza o acesso à leitura e ao meio cultural. Para que esse acesso seja oportunizado, é necessário que essa prática esteja articulada com outros tipos de linguagem como “as linguagens oral, escrita e artística aos seus usos e funções sociais e, com isso, busquem reduzir a artificialidade da utilização da literatura infantil no espaço escolar” (Oliveira, 2007, p. 5).

No texto de Mattos (2013), aborda-se mais uma vez sobre a prática da oralidade por meio da leitura literária em turmas de creche. De acordo com a autora, “pensar a leitura de textos nas creches implica em compreendê-la como lugar de relações, de brincadeiras, de

produção de sentido, de conhecimento de si e do outro, de constituição da subjetividade, de ampliação das experiências e, também, de imersão na cultura escrita (Mattos, 2013, p. 4). Assim, afirma-se mais uma vez que o trabalho da oralidade por meio da prática de leitura literária oportuniza às crianças a capacidade de trocar experiências do cotidiano, trazer suas culturas e adquirir autonomia.

Nos trabalhos voltados para o papel da oralidade nos processos de práticas de formação continuada de professores, Fernandes (2006) discute o papel da oralidade diante da investigação tratando sobre a perspectiva da influência das atividades de leitura e escrita na prática de professoras alfabetizadoras em formação continuada, refletindo acerca da ação docente no processo de desenvolvimento das atividades de interação em sala de aula.

De acordo com a autora,

[...] o exercício da escrita, pelos professores, a respeito de suas práticas e ações docentes, contribui para a materialidade das práticas educativas, isto é, explicita a trajetória de ação do professor, suas ansiedades, seus êxitos, seus medos, suas contradições e suas leituras. E para trabalharmos com esta perspectiva é necessário situar o conceito de linguagem (Fernandes, 2006, p. 8).

O desenvolvimento do trabalho da oralidade pelo professor em sala de aula se dará com base no repertório de leitura e escrita com o qual o mesmo vem estudando. É a partir desse repertório que o professor irá definir o que abordar nas atividades de interação entre alunos.

Discutindo a respeito da relação do trabalho da oralidade em sala de aula e a utilização dos livros didáticos, Magalhães (2007) aborda sobre o trabalho da oralidade em sala de aula diante da divergência entre a teoria, conforme está presente nas premissas dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN e do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD, com a prática em sala de aula, sendo isto considerado pela autora como um desafio, haja vista que na maioria dos casos, o ensino da oralidade pode se limitar apenas a um gênero textual ou os materiais didáticos não contemplam o que está proposto nos documentos oficiais.

Além dos baixos índices de livros didáticos que trabalham a oralidade dentro das premissas dos PCN e do PNLD, para a autora, uma das dificuldades presentes no trabalho da oralidade em sala de aula pode estar ligada na forma de como o aluno é orientado, refletindo que:

para que haja, então, uma compreensão sobre as modalidades falada e escrita, é necessário que o aluno seja orientado. As atividades de expressão oral por

parte dos alunos não estão conjugadas a práticas de reflexão sobre os usos, o que não permite compreender qual é o tipo de noção sobre a linguagem oral está sendo construído na escola (Magalhães, 2007, p. 8).

Diante dessa reflexão, ressalta-se a importância do papel do professor como orientador, estando atento na escolha dos materiais e gêneros que serão trabalhados nas interações em sala de aula, buscando também fazer uma associação entre o que está sendo construído em sala de aula e sua influência no aprendizado dos alunos acerca da temática da oralidade. É importante também fazer um acompanhamento da escola no processo de escolha dos livros didáticos, estando atento aos conteúdos dos materiais, certificando se atendem aos requisitos do trabalho de oralidade presente nos PCN e no PNLD, pensando na harmonia entre a teoria e a prática.

Maciel e Barbosa (2009) trazem em seu texto a discussão do ensino da oralidade com base na relação entre os gêneros textuais e nos livros didáticos voltados para a disciplina de Língua Portuguesa. De acordo com as autoras, trabalhar a oralidade com foco no ensino de língua não implica ensinar a falar, mas ajudar o aluno a identificar o que se faz quando se fala.

Além disso,

[...] o ensino da oralidade no livro didático depende de objetivos de ensino que contemplem o desenvolvimento de capacidades, conhecimentos e atitudes, os quais se relacionam com a participação dos aprendizes nas interações cotidianas em sala de aula, o que implica saber escutar e saber expor suas opiniões, nas diferentes situações de uso da fala, entre outros objetivos a serem alcançados (Maciel; Barbosa, 2009, p. 1).

Dessa forma, ao inserir a criança em momentos de contação de histórias, através da leitura, ela vai observar o processo de desenvolvimento da linguagem de forma prática.

Leal et.al (2012) abordam sobre o papel da oralidade no Ensino Fundamental de acordo com o que está inserido nos livros didáticos. De acordo com as autoras, existe uma preocupação dos professores com a forma que a oralidade deva ser trabalhada em sala de aula, pois, segundo elas “os professores queixam-se da falta de definições mais claras sobre que conhecimentos e habilidades precisam ensinar no eixo da oralidade” (Leal *et al.*, 2012, p. 3).

Além dessa preocupação, existe também a preocupação com o desempenho do aluno com relação a sua construção de fala, considerando que é por meio da fala que os alunos trocam experiências e constroem o diálogo em sala. A respeito da importância do diálogo em sala de aula, as autoras destacam que “a conversa ocupa um grande espaço nas atividades para o ensino do oral” e que “também tem um lugar de destaque como um instrumento para a realização de

atividades, bem como para avaliar atividades já realizadas” (Leal *et al.*, 2012, p. 15). É importante que haja uma preocupação a respeito do que irá ser discutido em sala de aula, para que os alunos se sintam seguros sobre o assunto tema do diálogo.

Considerando que no desenvolvimento de atividades de leitura literária é um momento no qual as crianças passam a se expressar oralmente, conforme a sua compreensão sobre o tema da leitura, a autora sugere que crie oportunidades para que elas se expressem sem sentirem medo do erro. Uma outra sugestão é a releitura de gêneros textuais, como o conto de fadas, estimulando a imaginação das crianças de forma lúdica. Diante disso, é ressaltada a importância do planejamento do professor, da escolha do livro e da observação dos conhecimentos iniciais dos alunos.

O texto de Neves e Corsino (2017) vem finalizar a análise abordando sobre a produção acadêmica na linha de leitura e escrita na Educação Infantil, trazendo reflexões com base em um período de 40 anos, questionando acerca do que veio sendo produzido nessa etapa de ensino e quais os temas mais pesquisados na área. De acordo com as autoras, houve uma evolução no quantitativo de trabalhos publicados na área, onde podemos considerar o avanço tecnológico como fator contribuinte. Existiu também uma dificuldade na localização de trabalhos anteriores, considerando a impossibilidade de acesso aos registros, levando em conta os formatos das produções em algumas décadas atrás.

Como este trabalho resultou de uma pesquisa bibliográfica e que a quantidade de achados sobre o tema escolhido foi baixa, consideramos que ainda há uma necessidade de pesquisa e produção sobre a oralidade em sala de aula com crianças pequenas e muito pequenas. Consideramos como importante que os professores sejam estimulados a pesquisar e publicar suas experiências em sala de aula para que esse número possa crescer.

A partir da leitura e análise dos referenciais mapeados nesta pesquisa, considera-se que a prática da oralidade em sala de aula deve ser pensada e executada de acordo com as necessidades e individualidades, culturas e crenças das crianças, sendo dada a elas a oportunidade de expressar-se, de trocar experiências com os colegas e de aquisição da autonomia, contribuindo para sua formação.

Com relação aos professores, é muito importante que ainda em sua formação os estudos teóricos estejam atrelados a prática a ser desenvolvida em sua atuação. Além disso, é importante

que no planejamento das atividades voltadas para a oralidade seja levado em conta o cuidado com a escolha do material e a reflexão a respeito de sua influência no aprendizado desses alunos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar acerca da influência da prática de contar histórias para desenvolvimento da oralidade das crianças, considerando as possibilidades de trabalho com a linguagem oral na Educação Infantil como também no Ensino Fundamental.

A partir das discussões presentes nos trabalhos mapeados, foi possível observar a importância de se trabalhar a oralidade nas interações em sala de aula por meio das práticas de contação de história, leitura literária e roda de diálogos, tendo em vista sua contribuição para o desenvolvimento da comunicação, interação, leitura, escrita, expressão de ideias e pensamentos, compreensão do mundo que a cerca, entre outras habilidades nas crianças.

Observou-se também a necessidade da participação da família durante esses processos, considerando que a construção da criança enquanto ser social deve ser realizada de forma colaborativa.

Além desses pontos, também foi observado a relação das práticas com a disponibilidade de material didático quando se trata dos livros utilizados nas práticas de leitura literária, sendo o livro uma ferramenta de grande contribuição.

Embora o trabalho da oralidade com crianças seja uma ferramenta de grande impacto no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, devemos considerar que mesmo com avanços, ainda existem desafios que dificultam de certa forma o desenvolvimento da oralidade, como o uso excessivo de dispositivos eletrônicos, falta de estímulo em casa, disfunções da fala e da audição, entre outros fatores que precisam ser considerados. Portanto, cabe a nós, pais, professores e estudiosos da área, buscarmos meios de solucionar esses problemas de forma colaborativa, primando pelo desenvolvimento das nossas crianças.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.
- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. **Caderno de formação: didática dos conteúdos de formação de professores**. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do Espaço e do Tempo na Educação Infantil. IN: CRAIDY, C.; KAERCHER, G.E. (org). **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. *Legislação*, Brasília, DF, dez. 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, vol. 3, 1997.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BRITO, A.C. As rodinhas na creche: uma perspectiva de investigação do movimento discursivo das crianças de 4 e 5 anos. In: 28ª Reunião anual da ANPED, **Anais [...]**, Caxambu (MG): 2008. Disponível em: <https://www.anped.org.br/>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.
- CARDOSO, A.L.S. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. 2016. Disponível em: [ARTIGO-ANA-LUCIA-SANCHES.pdf \(uninove.br\)](#) Acesso em: 23 abril. 2023.
- CHAER, M.R., GUIMARÃES, E.G.A. (2012). **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Pergaminho, (3): p. 71- 88.
- COSTA, D. M. V. O trabalho com a linguagem oral na educação infantil. In: 32ª Reunião Anual da ANPED, **Anais [...]**, Caxambu (MG): 2009. Disponível em: http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_10.html Acesso em: 30 ago. 2023.
- FERNANDES, M. P. A influência das práticas de leitura e de escrita no processo de escrita no processo de escrita das professoras alfabetizadoras. In: 29ª Reunião Anual da ANPED, **Anais [...]**, Caxambu (MG): 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/> Acesso em: 29 ago. 2023.
- GIRARDELLO, G. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: 26ª Reunião Anual da ANPED, **Anais [...]**, Poços de Caldas (MG): 2003. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/gilkagirardello.rtf>. Acesso: 30 de setembro de 2023
- GÓES, M. C. A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação e Sociedade**. Campinas, Unicamp, 2008.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. **A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P. A.; LIMA, J.M. O oral como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos? In: 34ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, Natal (RN): 2011. Disponível em: [Trabalhos GT10 - Alfabetização, leitura e escrita \(anped.org.br\)](http://trabalhos.gt10-anped.org.br/). Acesso em: 30. set. 2023.

LOPES, D.M.C.; VIEIRA, G. B. Linguagem, Alfabetização e Letramento: O trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental e as especificidades da criança. In: **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. UFRN. CONTINUUM. Módulo III–Linguagem, Alfabetização e Letramento**. Natal: UFRN-CONTINUUM, 2012.

MACEDO, M. S. A. N. Oralidade e Letramento na Constituição das Interações em Rodinha: análise de duas experiências no primeiro ciclo. In: 28ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, Caxambu (MG): 2005. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/> Acesso em: 30 set. 2023.

MACIEL, D. A. G. C.; BARBOSA, M. L. F. "Ah, eu acho a oralidade muito importantíssima, meu Deus!" A propósito da prática docente na oralidade. In: 35ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, Porto de Galinhas (PE): 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/111-gt10> Acesso em: 03 set. 2023.

MACIEL, D. A. G. C.; BARBOSA, M. L. F. Gêneros textuais, oralidade e o livro didático de Língua Portuguesa: o que esperar dessa relação? In: 32ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, Caxambu (MG): 2009. Disponível em: http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_10.html Acesso em: 30 ago. 2023

MACIEL, D. A. G. C.; BILRO, F. K. S. O que é ensinar a oralidade? Análise de proposições didáticas apresentadas em livros destinados aos anos iniciais da educação básica. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, vol. 34, 2018. Disponível em: Acesso em: 12 Março 2021.

MAGALHÃES, T. G. Concepções de oralidade: a teoria dos PCN e PNLD e a prática nos livros didáticos. In: 30ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, Caxambu (MG): 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/> Acesso em : 29 ago. 2023.

MATOS, Marcela Moura. O lúdico na formação do educador: contribuições na educação infantil. **Cairu em Revista**. Jan 2013, Ano 02, nº 02, p. 133-142. Disponível em: <http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2013> Acesso em: 25 de set. 2023.

MATTOS, M. N. S. S. Leitura literária na creche: o livro entre olhar, corpo e voz. In: 36ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, Goiânia (GO): 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/165-trabalhos-gt07-educacao-de-criancas-de-0-a-6-anos> Acesso em: 20 set. 2023.

NEVES, V. F. A.; CORSINO, P. Produção acadêmica sobre leitura e escrita na educação infantil no período de 1973 a 2013: algumas reflexões. In: 38ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, São Luís (MA): 2017. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/programacao/210?field_prog_gt_target_id_entityreference_filtro=10 Acesso em: 12 set. 2023.

OLIVEIRA, L. D. Leitura literária na educação infantil: uma contribuição para formação de leitores de textos e da vida. In: 30ª Reunião Anual da ANPEd, **Anais [...]**, Caxambu (MG): 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/> Acesso em : 29 ago. 2023.

OLIVEIRA, Z. M.; MELLO, A. M.; VITÓRIA, T.; FERREIRA, M. C. R. **Creches: Crianças, Faz de Conta & cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria da Educação e da Cultura. **Documento curricular do Estado do Rio Grande do Norte: educação infantil.** [recurso eletrônico]. Natal: Offset, 2018. Disponível em: [*DOC000000000190572.PDF \(adcon.rn.gov.br\)](http://adcon.rn.gov.br/DOC000000000190572.PDF). Acesso em: 12 abril 2024.

SILVA, M. J.; VALIENGO, A. O desenvolvimento da oralidade na educação infantil. In: **Revista Interfaces**, n. 2, p.21-24, 2010.

SOUZA, L.O.; BERNARDINO, A.D. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação**, Cascavel (PR), v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4643/4891>. Acesso em: 12 abril. 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Segundo a minha Mãe que sempre me ajudar a realizações dos meus sonhos, e por ser minha rede de apoio. Agradeço também aos meus professores ao longo do curso que me proporcionaram momento de aprendizagem.